

Gasolina dispara e ameaça economia



Motoristas fazem fila para abastecer em posto de gasolina em São Caetano do Sul (SP); gás de cozinha também sofreu reajuste, de 16,1% Rivaldo Gomes/Folhapress

# Petrobras anuncia mega-aumento dos combustíveis; gasolina sobe 18,8%

Para o diesel, reajuste é ainda maior, de 24,9%; estatal repassa parte da disparada do petróleo

Leonardo Vieceli e Nicola Pamplona

**RIO DE JANEIRO** Pressionada pelo avanço das cotações do petróleo com a guerra entre Rússia e Ucrânia, a Petrobras anunciou nesta quinta-feira (10) reajustes nos preços da gasolina, do diesel e do gás de cozinha. As altas entram em vigor nesta sexta-feira (11).

No caso da gasolina, o reajuste para as distribuidoras é de 18,8%. O preço médio nas refinarias da estatal passará de R\$ 3,25 para R\$ 3,86 por litro. Para o diesel, o aumento é ainda maior, de 24,9%. O valor subirá quase R\$ 1 por litro, de R\$ 3,61 para R\$ 4,51.

Segundo o CBIE (Centro Brasileiro de Infraestrutura), foram os maiores reajustes ao menos desde o início da política atual de preços, em 2016. Com os aumentos, o preço da gasolina vendida pela Petrobras acumula alta de 24,5% em 2022. O diesel vendido pela estatal subiu 35%.

Considerando que a gasolina vendida pela Petrobras representa 73% da mistura vendida nos postos — o restante é etanol anidro —, o reajuste nas refinarias terá impacto de R\$ 0,44 por litro, elevando o preço médio nacional para a casa dos R\$ 7 nas bombas pela primeira vez na história.

Já o preço médio do diesel, levando em conta que todas as outras parcelas se mantêm inalteradas, chegará a algo em torno de R\$ 6,40 por litro.

O gás de cozinha, conhecido como GLP (gás liquefeito de petróleo), terá seu primeiro reajuste após 152 dias. O preço médio de venda, para as distribuidoras, passará de R\$ 3,86 para R\$ 4,48 por quilo, um reajuste de 16,1%.

O preço médio final do botijão de 13 quilos, mais usado em residências, tem permanecido estável em torno de R\$ 102, nas últimas semanas. Com o reajuste da Petrobras, poderia passar para cerca de R\$ 110, caso todos os outros componentes fiquem no mesmo patamar atual.

Os reajustes foram anunciados em meio a debate no governo e no Congresso sobre a política de preços da estatal, que prevê o acompanhamento das cotações internacionais do petróleo. Nesta semana, a mudança de modelo ganhou apoio do próprio presidente Jair Bolsonaro (PL).

Pouco antes do anúncio da Petrobras, o presidente afirmou que não influenciaria os preços praticados pela petroleira.

“No mundo todo aumentou [preço dos combustíveis]. Eu não defino preço na Petrobras. Eu não decido nada, não. Só quando tem problema cai no meu colo”, disse a apoiadora.

“Lula e Dilma interferiram nos preços da Petrobras, entre outras coisas. Endividaram a empresa em R\$ 920 bilhões. A tendência é melhorar lá fora, mas vai ter problema de combustível no Brasil. Não vai demorar.”

A alta dos preços dos combustíveis é um dos principais fatores que vêm pressionando a inflação. O dado mais recente divulgado pelo IBGE mostra uma alta acumulada de 10,38% em 12 meses até janeiro, e economistas já projetam que a meta de inflação para este ano deve ser estourada novamente.

O impacto da inflação preocupa Bolsonaro, que deve tentar a reeleição. A alta de preços vem sendo sentida pelo brasileiro principalmente nos alimentos e nos combustíveis. Governo e Congresso, no entanto, não vêm conseguindo chegar a um consenso sobre como conter o problema.

Após a divulgação de alta de preços, o Senado aprovou dois textos que tratam de combustíveis, cuja votação vinha sendo adiada. Um deles trata uma conta de estabilização para amortecer reajustes e estabelecer diretrizes para uma nova

política nacional de preços. O texto foi à Câmara.

O segundo texto aprovado pelo Senado altera a cobrança de ICMS sobre combustíveis e tinha expectativa de ser chancelado pela Câmara na noite desta quinta, o que ainda não havia ocorrido até a publicação deste texto.

Em nota, a Petrobras disse que o anúncio “vai no mesmo sentido de outros fornecedores de combustíveis no Brasil que já promoveram ajustes nos seus preços”. A primeira grande refinaria privada do país, a Refinaria de Mataripe, na Bahia, havia ajustado seus preços no sábado (5).

O anúncio impulsionou a cotação das ações da Petrobras. Os papéis preferenciais (que não dão direito a voto, mas têm preferência no recebimento de dividendos) subiram 3,50%. As ações ordinárias (com direito a voto), 2,86%.

Apesar da escalada das cotações do petróleo após o início do conflito no Leste Europeu — desde o avanço das tropas russas em território ucraniano, em 24 de fevereiro, a cotação do petróleo já subiu 12,59% e superou a barreira dos US\$ 100 —, a Petrobras ficou 57 dias sem mexer nos preços da gasolina e do diesel — os reajustes anteriores haviam sido feitos em 12 de janeiro.

Segundo estimativa da Abicom (Associação Brasileira dos Importadores de Combustíveis), os reajustes desta quinta seriam ainda insuficientes para cobrir toda a defasagem, que na noite de quarta (9) chegava a R\$ 0,81 na gasolina e R\$ 1,17 no diesel.

A defasagem inviabilizou importações privadas, gerando alertas do mercado sobre risco de desabastecimento. Nesta semana, distribuidoras e postos começaram a relatar dificuldades para renovar estoques, principalmente de diesel.

O presidente da Abicom, Sérgio Araújo, diz que, mesmo com a redução da defasagem, novas importações demoram a chegar ao país, já que entre a decisão por comprar produtos e a chegada dos navios é necessário um prazo entre 20 e 45 dias. “O risco de desabastecimento continua. A gente não sabe quantificar, porque não tem informações sobre o estoque, mas continua”.

O setor de gás de cozinha, por sua vez, teme que os altos preços tenham impacto nas vendas do produto, que já vinha sendo substituído por leilão entre famílias de menor renda, o que justificou a criação de um subsídio para essa camada da população.

“Nunca foi tão importante aprimorar o programa Auxílio Gás, garantindo que os cursos destinados a compra de GLP não sejam desviados como são atualmente”, defendeu o presidente do Sindigás (Sindicato das Empresas Distribuidoras de GLP), Sérgio Bandeira de Mello.

**Leia mais sobre combustíveis da pág. A14 à A16**

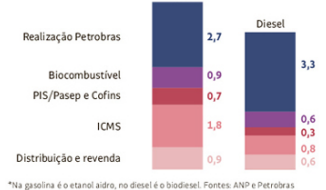
## Evolução histórica do preço nas refinarias

Com impostos federais\*, corrigido pelo IPCA, em R\$ por litro



## Composição dos preços

Na semana de 13 a 19 fev. 2022, em R\$



# Bolsonaro engoliu reajuste inevitável, por risco de faltar diesel

## ANÁLISE

Vinícios Torres Freire

**SÃO PAULO** O aumento da Petrobras não deve ser de todo repassado para o consumidor, em especial no caso da gasolina, na média nacional.

O repasse deve ser de 80% do reajuste da petroleira para a gasolina, embora deva ser integral no caso do diesel, mercado que anda muito apertado, à beira da escassez. O aumento nas bombas tem sido menor do que nas refinarias.

Aumento de combustível é motor de inflação, assunto central da eleição, mais motivo de alta de juros e mais problema para o prestígio de Jair Bolsonaro.

Até ontem, pelo menos, Bolsonaro espumava com a ideia de que a Petrobras reajustaria preços de gasolina, diesel

e GLP (gás de cozinha), o que o IBP fez pressão em público.

Em 2021, 25% do diesel consumido no país foi importado (40% da importação foi da Petrobras). Se o preço é tabelado abaixo do preço do mercado mundial, importadores não compram diesel lá fora — vendiam aqui no país com prejuízo, óbvio (isso se não desistirem de vez do negócio). A refinaria privada de Mataripe já vendia diesel mais caro.

Bolsonaro, seu governo e seus regentes no Congresso jamais planejaram uma política duradoura e articulada para combustíveis. Quando o assunto esquentava, quando havia altas do petróleo, o governo tinha fanfiquitos. Mas nada era feito. Veio a guerra, e o problema explodiu de verdade.

Vai demorar para recolher os caquinhos, para haver pelo menos estabilidade no pre-

ço mundial do petróleo, sabe-se lá em qual patamar. Apenas neste ano, o Brent já aumentou cerca de 45%. Mesmo que a guerra terminasse amanhã, teria deixado sequelas duradouras: sanções e alterações no mercado mundial de petróleo e gás (europeus, mas não só, vão procurar outros fornecedores que não a Rússia, seja lá como acabe a guerra).

No Brasil, a saída mais a mão, viável e de efeito imediato é criar um subsídio. Isto é, o dinheiro dos impostos vai pagar parte dos combustíveis vendidos nas bombas e do preço do botijão de GLP. Por até seis meses, o governo bancaria parte do preço de gasolina, diesel e GLP.

Parte desse subsídio pode vir por meio da redução de PIS/Cofins sobre o diesel (perda de arrecadação de R\$ 18 bilhões por ano para o governo.

Isto é, aumento de dívida pública nesse valor). Mas não se sabe quanto desse desconto chegaria ao preço final para o consumidor, nem quando.

A alternativa mais direta é pagar parte do combustível. Quanto seria gasto nisso? Não se sabe exatamente, nem se sabe quem teria direito e nem o mecanismo da coisa, na prática.

Parte do desconto seria dirigido, destinado a grupos específicos: quem compra gás de cozinha, um “vale-caminhoneiro”, um “vale” para motorista profissional, desde que sejam suficientemente pobres.

Um subsídio geral, como a redução de impostos, beneficia também ricos, de resto.

Diz-se que o dinheiro poderia vir dos dividendos (lucros) que o governo federal recebe da Petrobras (R\$ 35 bilhões

em 2021). Tanto faz a origem. O resultado é dar subsídio é mais déficit. Quanto mais déficit, maior a probabilidade de juros mais altos e real mais desvalorizado.

No entanto, o subsídio pode ser questão de vida e fome para os mais pobres.

As opções restantes são ora discutidas via projeto de lei no Senado. Pode haver redução do ICMS (inviável, politicamente, pois imposto estadual). Pode ser criado um fundo de estabilização de preços, que o país teve até os anos Dilma (no caso, via tributo, a Cide: subia quando o preço mundial caía, diminuía quando o preço internacional do petróleo aumentava). Para fazê-lo agora, seria preciso dinheiro além da centena de bilhões de reais. Demoraria a fazer efeito, até porque é de implementação mais complicada.

**Veículo:** Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

**Seção:** Mercado **Caderno:** A **Página:** 13